

História

Vida maravilha

História de: [José Cláudio dos Santos](#)

Autor: [Ana Paula](#)

Publicado em: 15/12/2021

Sinopse

Eletricista na área técnica da Petrobras, José Cláudio dos Santos descreve sua função, relações profissionais e orgulhosamente narra sua dedicação ao trabalho como forma para levar todos seus filhos à educação superior.

Tags

- [Bacia de Campos](#); [Petrobras](#); [eletricista](#); [ensino superior](#); [primeiro grau](#); [orgulho](#); [engenheiro](#); [Macaé](#);

História completa

??Projeto Memória dos trabalhadores da Bacia de Campos Realização Instituto Museu da Pessoa Entrevista de José Cláudio dos Santos Entrevistado por Douglas Tomás Macaé, 03 de junho de 2008. Código: MBAC_CB025 Transcrito por Rosângela Maria Nunes Henriques. Revisado por Marina Tunes P/1 – Eu queria que você começasse falando seu nome completo, o local e a data de seu nascimento. R – Eu me chamo José Cláudio dos Santos, sou natural do Espírito Santo, Mimoso do Sul. P/1 – E Cláudio qual é a sua formação? R – Eu tenho o primeiro grau. P/1 – Mas que função você exerce aqui na Petrobras? R – Eu exerço a função de eletricista na área técnica, quer dizer, montagem de sistema de nobreak para a Petrobras, essa é a minha função. P/1 - Cláudio, você lembra quando e como você chegou aqui na Petrobras pela primeira vez? R – Eu comecei fazendo o primeiro serviço para a empresa Petrobras no Caju Rio. Então nós fizemos um trabalho, um trabalho por sinal muito pesado, exigindo muita força, quer dizer, fazer abertura de solo, estruturar manilhas e cabeaço para sistema de informática, esse é o primeiro trabalho em 2002. A partir daí eu tive a honra de participar de uma outra obra na Transpep, montar uma, como se diz? Uma antena de comunicação e, posteriormente, eu fui pra o Edise [Edifício Sede da Petrobras] na Avenida Chile, fiz a troca dos circuitos de alta tensão do 26º até o subsolo. E na sequência a gente foi pra Avenida Almirante Barroso fazer uma montagem de uma máquina de ar-condicionado central, ou seja, estrutura de uma máquina de ar-condicionado central de água gelada, de refrigeração a seco. Desse fato a gente deu prosseguimento e viemos fazer aqui na Bacia de Campos que é o... P/1 – E quando foi que você chegou então aqui na Bacia de Campos? O trabalho efetivamente aqui na Bacia de Campos? R – Tem dois anos que a gente começou a trabalhar aqui. P/1 – Na Bacia de Campos? R – Em 2006 a gente fez a primeira... Viemos fazer a visita nesse complexo aqui e fizemos o complexo lá do Parque dos Tubos, fizemos a visita e posteriormente viemos fazer os exames e todas aquelas... Aquele sistema todo de... Para se enquadrar no sistema, fizemos todo esse trabalho e aí iniciamos a obra do Parque dos Tubos. Aí fizemos montagem de 2 sistemas nobreak de 15KVA e a seguir eu vim pra cá. P/1 – E daria para você dizer um pouco no que consiste esse trabalho seu? Explicar um pouco pra mim. R – Bom, o trabalho em si define-se no seguinte: você tem uma alimentação fornecida pela empresa de eletricidade, ok? Então o que acontece, ela é muito falha, ela tem uma variação muito grande, ela se torna prejudicial ao sistema de computador, isso na área de informática. O que é a nossa finalidade? Nós temos a empresa que nos contrata, ela tem o equipamento que faz com que a energia fique estável para que os equipamentos não venham ter problemas, entendeu? Com grande escala então o que significa isso? A gente pega o sistema da eletricidade, transforma ela em corrente fixa e bota os computadores para funcionar. P/1 – E nesses dois anos que você está trabalhando aqui, em algum momento aconteceu de vocês não garantirem essa... R – Olha, o trabalho... A gente trabalha sempre da seguinte forma, com muita... Com bastante conhecimento técnico, com uma boa informação, que vem do fabricante, nós temos obrigação de receber essa informação e fazer com que ela seja executada com tranquilidade, entendeu? A gente tem a felicidade, temos tido felicidade de tudo funcionar dentro do que é necessário. Então a obrigação nossa qual é? Primeiro observar bem, fazer a coisa certinha, obedecer aos critérios e a coisa funciona maravilhosamente bem. P/1 – Ah legal. E eu acredito que em dois anos que você está trabalhando aqui, você já conhece muita gente e tal. Eu queria que você contasse um pouco das pessoas que você encontra aqui e como é o relacionamento? O cotidiano do seu trabalho aqui na Bacia de Campos? R – Olha, normalmente a gente não tem muito tempo para fazer esse ciclo de amizade mais integrado, tá, por que o que acontece? O equipamento vem, a gente desembala, mede a cabeaço, coloca no lugar, liga, funcionou, vai embora; são três ou quatro dias e vai embora. Então as pessoas que nos acompanham, os técnicos e os engenheiros e o pessoal, essa turma é maravilhosa, dá toda a atenção pra gente, a gente fica sorridente feliz da vida porque começa e sai e os caras ficam tranquilos, a gente não consegue definir uma pessoa como aquela, entendeu? Não tem como a gente definir, o que pode se dizer é que todos que nos atenderam foram... Fomos muito bem atendidos e, reciprocamente, a gente deixou o trabalho satisfatório para eles. P/1 – Mas eu falo não na questão relacionada ao trabalho, mas no cotidiano mesmo? Histórias na parte de lazer, que você encontra com um amigo, com outro? Como vocês conversam? O que você diria que seria esse sentimento de estar trabalhando aqui na Petrobras? Tanto a sua relação quanto a dos amigos que você conversa também? R – Olha a nossa

relação sempre é assim, a gente começa o expediente, vamos ver se eu consigo esmiuçar para você, aí começa o expediente, tem aqueles desencontros, essa informação está certa, essa não está certa, qual a informação mais adequada. Aí se resume na definida e, por acaso, tem uma dessas pessoas que você cita, vamos tomar uma Coca-Cola? Vamos tomar um guaraná? A gente sai, vai ali e toma um guaraná, vamos para a orla comer um churrasquinho? A gente vai embora pra orla, come um churrasquinho, vai para a pousada, dorme, e, no dia seguinte, continua o trabalho, então é mais ou menos isso que funciona pra gente. Não tem muito assim... Pessoalmente a gente, citar nomes que tem uma afinidade mais intensa, entendeu? P/1 – E você percebe que a relação da cidade de Macaé com a Bacia de Campos aqui, você poderia me contar um pouco da relação que existe entre as cidades? Macaé, se você conhece, poderia me dizer? R – Eu conheço pouco, praticamente nada, por que o que eu faço? Eu venho pro trabalho, daqui saio, vou ao centro, janto, tomo ali uma Coca-Cola, uma cervejinha, porque eu não sou muito chegado a bebida, mas fico ali, troco uma... Não tenho muito acesso lá, e, no fim de semana, por acaso eu vim um fim de semana aqui, não vi nada, estava tudo apagado, estava cada qual procurando o seu rumo, porque a maioria das pessoas que estão aqui moram fora, né? A maioria praticamente, então não tem muito lazer pra gente que é do Rio não tem muito lazer aqui final de semana pra ser... Se a pergunta encaixou, se a resposta encaixou na pergunta. P/1 – Claro. Senhor Cláudio, você lembra nessas conversas que você está me colocando que são poucas, você lembra de alguém ter contado uma história interessante? Ou até mesmo que tenha acontecido com você aqui na Bacia de Campos? R - Olha, eu não tive nada que eu possa dizer que seja agradável ou desagradável. Eu, por sinal, vou ser muito sincero, eu fui feliz até hoje, porque tudo deu certo, então... Eu tive um técnico, um engenheiro... aliás, um engenheiro da Siemens, que estava nos acompanhando lá no Parque dos Tubos, e ele me exigiu determinada coisa que eu achei que não estava certo, eu simplesmente disse pra ele: “Olha, isso está errado”, manuseio de equipamento estava errado, ele disse assim: “Se está errado então deixa que eu faço”. Ele insistiu, eu saí de perto, fui dar uma volta e deixei ele insistir, ele insistiu e daí a pouco ele admitiu que não dava para fazer e deixou a gente... A gente fez do modo que já estava habituado a fazer, esse é o detalhe que eu tenho para te informar em todos os sentidos, só esse. P/1 – Você comenta que é feliz e parte dessa felicidade você atribui também ao trabalho que você vem fazendo durante a sua vida e relacionado à Petrobras, né? R – É. Porque para você ter sorte no trabalho, para você conseguir produzir no trabalho, você tem que ter muita calma, respeitar os outros, seja opinião certa ou errada, você tem que aceitar e fazer uma análise dessas exigências que estão sendo passadas para você. E, posteriormente, dentro de um ciclo, você ver se dá para você responder, ou seja, contestar se você vê que não dá para contestar, vai criar clima, você procura um espaço diferente e chama a pessoa e diz: “Cidadão, por isso ou aquilo, a sua opinião, a sua atitude, não vai dar certo.” “Ah, por que você me responde dessa forma?” “Porque o trabalho é desenvolvido dessa forma, e se a gente fizer dessa forma pode acontecer isso ou aquilo ou aquilo outro.” Aí a pessoa realmente se sente na condição de aceitar, porque não é o saber escrever e ler que resolve, tem que ter consciência também, não adianta saber ler uma história e no final não saber o que... Eu li toda história, mas no fim o que você leu? Qual o resumo da história que você leu? Então você tem que ler e saber o que está lendo em minha opinião, entendeu? Você tem que resumir o que você está lendo para você fazer sucesso nas coisas que você determinou para sua vida. P/1 – E você acha que a Petrobras, ela... Se alguém perguntasse para você que você fosse um pouco... A Bacia de Campos aqui, um pouco da história dela, o que você diria? R – Olha, com toda honestidade, eu não tenho muito a dizer, porque repetindo, eu passo horas, dias, não tenho oportunidade, não tive oportunidade de passar meses, nem anos trabalhando aqui, fica muito difícil eu ter uma resposta bem afirmativa para dar para qualquer pessoa, entendeu? P/1 – E, senhor Cláudio, eu queria saber o que você acha da importância de estar participando do nosso projeto, que a gente está fazendo, de estar contando a história da Petrobras a partir da memória dos trabalhadores, eu queria saber a sua opinião? R – Olha, eu te digo o seguinte: toda vez que alguém dá uma informação, toda vez que alguém consegue dar uma informação, que essa informação é saudável, ela é compensadora para todos, aquele que ouviu e aquele que está realmente fazendo as perguntas, entendeu? P/1 – E você queria falar mais alguma coisa, deixar uma mensagem final? R - Olha, o que eu posso dizer pra você é que eu fiquei feliz pela entrevista e espero que apareça em algum lugar nesse mundo, nesse país, seja conhecido nesse país, em algum lugar. Eu já fiz o meu papel, tive o orgulho de fazer o meu papel, sou um homem de 63 anos, cinco filhos, e meus cinco filhos todos eles têm.. São formados, têm formação, ou seja, todos eles têm canudo, como a gente fala é engenheiro, advogado, dentista, todos eles têm, entendeu? Cinco filhos, todos eles têm faculdade, todos eles são formados, esse é o meu complemento da história. Muito bom, gostei muito dessa entrevista, isso eu gostaria que fosse analisado pra mim, eu sou uma pessoa orgulhosa da vida que eu passei, porque eu saí do zero, não sabia escrever nem o nome na minha terra. Vim pro Rio de Janeiro com 15 anos, estudei até finalizar o primeiro grau, fui pra briga trabalhar, aprendi uma profissão, essa profissão eu fui até os 30 anos, saí dessa profissão, fui pra outra profissão e essa outra profissão não fiquei. A terceira profissão, que foi eletricista, fui a fundo, consegui chegar onde estou, consegui fazer da minha vida uma maravilha. P/1 – Muito obrigado, senhor José Cláudio. R – Entendeu? Sou um homem feliz nesse país, com toda simplicidade, com toda humildade, juro que sou humilde o bastante para dizer isso para vocês, não tenho nível superior, mas um orgulho eu tenho, os meus filhos têm ----- Fim da entrevista -----